

## EDITORIAL • NÚMERO 46

O número 46 de nossa revista demorou a sair, mas como de costume chega carregada de estudos muito selecionados e capazes de despertar a atenção para fecundos debates no campo das Ciências Sociais ajudando a sacudir o clima de mesmice e de marasmo existente. Apresentada em ordem alfabética, a edição está composta de seguinte forma:

### 1. ARTIGOS

Os editoriais em pauta

*DAVYS SLEMAN DE NEGREIROS*

Para compreender o processo político brasileiro torna-se cada vez mais imperioso estudar qual é o real papel exercido pela mídia na formação da opinião pública. O artigo em questão é uma importante contribuição a esse respeito, tanto pela metodologia que utiliza quanto pelas questões para as quais chama a atenção. O autor é mestre em Ciências Sociais pela Universidade de São Carlos (UFSCAR) e o texto que publicamos foi originalmente apresentado no 1º Seminário Regional da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), realizado na Universidade do Pará (UFPA).

Tendo por referência a eleição presidencial de 1998 o autor faz uma análise de conteúdo assim como compara os editoriais dos jornais de maior circulação nacional, ou seja: A Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. A pesquisa tem por *locus* os editoriais publicados pelos referidos jornais nos meses de julho, agosto e setembro, às terças, quintas e domingos, do citado ano. A hipótese que funciona como diretriz da pesquisa é a da *agenda setting* que tem como ponto de partida o seguinte sagaz comentário do cientista político Bernard Cohen: "A maior parte das vezes, a imprensa não tem êxito dizendo às pessoas como deve pensar. Mas tem sempre êxito dizendo aos seus leitores o que pensar".

*Breves considerações sobre a questão do realismo em György Lukács*

CARLOS HENRIQUE GILENO

As obras de Antônio Gramsci e Louis Althusser desde que na segunda metade da década de 60 começaram a chegar às livrarias brasileiras atraíram a atenção de estudiosos na medida em que muito contribuíam para a renovação do pensamento dialético. Não temos dúvida que as polêmicas travadas na ocasião

entre althusserianos e gramscinianos foram um dos fatores que levaram a que os estudos do húngaro György Lukács tivesse ficado injustamente, durante longo período de tempo, num certo limbo filosófico. O filósofo Jean-Paul Sartre que manteve polêmica com Lukács em torno do dilema marxismo X existencialismo, rendia homenagens ao pensador húngaro referindo-se seguidamente a ele como o mais completo crítico literário do século XX.

É este combativo György Lukács que marcou presença nas lutas do seu tempo – tanto práticas quanto teóricas – que o autor do presente artigo, doutor em Sociologia pela Universidade de Campinas (Unicamp), presta uma justa homenagem, ao estudá-lo e colocá-lo na ordem do dia.

O presente estudo de Carlos Gileno, professor do Departamento de Antropologia, Filosofia e Política da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp – Campus de Araraquara), é uma erudita e notável contribuição a teoria literária de viés marxista e tem por vigas mestres da sua construção dois livros de Lukács: “Decadência ideológica” e “Narrar ou descrever”.

A direita e as estratégias de desenvolvimento econômico: a ditadura militar brasileira em foco

*GISELE DOS REIS CRUZ*

O ponto de partida da autora no presente estudo é que a retórica anticomunista foi o instrumento usado pelos golpistas de 1964 como recurso capaz de arregimentar apoio suficiente para garantir a chegada e manutenção no poder de um “regime autoritário” empresarial-militar que se contrapondo a ideologia nacionalista em alta no governo Goulart, implantou um modelo de desenvolvimento econômico centrado no capital internacional.

As reflexões da autora, que é doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), tem por centro de investigação os propósitos e as contradições do referido modelo. Modelo de corte liberal, alavancado pelo capital externo e que apoiado na força das armas amordaçou o fecundo debate em curso antes do golpe entre estruturalistas e cepalinos em busca dos caminhos do desenvolvimento nacional e democrático em formações sociais situadas na periferia dos polos hegemônicos do capitalismo.

O píer da resistência: contracultura, tropicália e memória no Rio de Janeiro  
*GUSTAVO ALONSO*

Este artigo de Gustavo Alonso, doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), gira em torno dos desdobramentos políticos e culturais que tendo o píer de Ipanema (RJ) por referência se seguiram ao regresso de Caetano Veloso ao Brasil. Regresso ocorrido em 1972, após quatro anos de exílio em função de perseguição e prisão que o consagrado cantor e compositor sofreu logo após a decretação do AI-5 pela ditadura empresarial-militar que se acastelara no Planalto em 1964.

O píer de Ipanema começou a ser construído em 1968 e foi desmontado em 1975. No início dos anos 70 – no auge dos anos de chumbo – o local tornou-se ponto de encontro de pessoas descontentes com os rumos que a política havia tomado. O píer foi na ocasião uma espécie de território livre em plena ditadura, centro carioca da contracultura, da *underground* e do tropicalismo. Entre os frequentadores do píer estavam conhecidos intelectuais, artistas e jornalistas e considerável quantidade de diferentes tipos de “desbundados”.

É nas condições dadas que, com base em pesquisa esmerada e observações pontuais, o autor examina as relações dos governos militares com a cultura, chamando a atenção para peculiaridades da ditadura no Brasil, como a existência de espaços de conciliação e tolerância. Tese ousada que vale a pena ler, refletir e discutir.

Diretas já: a estratégia da redemocratização de Henfil através das cartas da mãe  
*MÁRCIO MALTA*

Wright Mills cunhou a expressão *imaginação sociológica* para definir a louvável presença da criatividade em trabalhos de cientistas sociais e Gaston Bachelard observou que “é o ponto de vista do sujeito que constrói o objeto”. Estes postulados elaborados por dois renomados metodólogos se combinam e caem como uma luva para definir o teor do texto que ora temos a satisfação de divulgar. A originalidade da pesquisa, cujo autor é doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense, professor e cartunista consagrado, implica em estudar como ocorreu transição entre a ditadura empresarial-militar e a volta do país ao estado de direito valendo-se das “Cartas da mãe”, coluna publicada semanalmente entre 1981 e 1984 por Henfil na revista “Isto É”.

Ação social, Marketing ou reparação? Algumas reflexões acerca da responsabilidade social corporativa

*PRISCILA RISCADO*

Apesar do tema “responsabilidade social das empresas” ser uma das questões cruciais do nosso tempo, tem sido objeto de poucas investigações. Dizemos que a questão é crucial porque em decorrência da globalização capitalista posta em curso em fins do século XX houve substantiva diminuição do papel exercido pelo Estado como agente político e econômico, passando a empresa privada a ocupar largo espaço como ator social regulador das relações societárias e da organização social. O artigo que ora publicamos contribui para o preenchimento dessa lacuna na medida em que sua autora – doutora em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense – valendo-se de literatura pertinente, contextualiza, debate, aponta problemas e propõe caminhos para o equacionamento da questão.

## 2. ANEXO

Opinião e civilidade

*LINCOLN DE ABREU PENNA*

Logo após o falecimento de Oscar Niemayer, ocorrido em 5-12-2012, não apenas mundialmente aclamado como gênio da arquitetura, mas também reconhecido como homem de bem e que sempre defendeu suas convicções políticas com paixão e sinceridade, foi atacado de maneira inteiramente inescrupulosa por alguns veículos da mídia que historicamente mais parecem preocupados em manipular a opinião pública do que cumprir o papel que lhes cabe numa sociedade democrática, ou seja, o bem informar.

O autor do indignado desabafo “opinião e civilidade” que ora publicamos, desfrutou da amizade de Niemayer, é doutor em História pela Universidade de São Paulo, professor e pesquisador renomado, valendo-se da educação que tem, questiona a falta de educação do jornal *O Globo* ao usar “carta de leitor” como subterfúgio para atacar a memória do cidadão do mundo que há tão pouco perdemos.

Críticas, sugestões e colaborações, serão bem-vindas.

Aluizio Alves Filho e Leonardo Petronilha.